



Editorial

Num encontro entre jovens artistas e ativistas vinculados aos laboratórios Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR - UFC) e Arte Contemporânea (LAC - UFC) com a psicóloga gaúcha Carmen Oliveira, em Fortaleza, a artista visual Aline Albuquerque comentou sobre sua trajetória de exploração do próprio bairro como ação estético-política e asseverou algo nos seguintes termos: “Na nossa cidade, marcada pela desigualdade social extrema e resultante violência e paranoia urbana, caminhar nas ruas do próprio bairro emerge como ato político”. Para todos ali presentes, radicados numa Fortaleza onde predomina o automóvel e seus vidros escuros, aquela afirmação encontrou ressonância, identificação e acolhida. Aquilo que leva o simples ato de caminhar no próprio bairro a se configurar como ato político é um complexo conjunto inter-relacionado de causas cuja nervura de sentido encontra disparo histórico na catástrofe do colonialismo, cujos efeitos e feridas abertas continuam a assombrar o presente do Brasil e do resto da América Latina com insistência atroz. Nosso segundo número da Vazantes volta-se com maior atenção a esta nervura e a essa história viva do colonialismo no presente histórico do Brasil, em que o projeto colonial foi subsumido pelo projeto neoliberal capitalista. Não à toa, publicamos um importante artigo de Carmen Oliveira intitulado “Brasil, além do ressentimento”, em que desinvestir do niilismo surge como indispensável resistência à máquina capitalística globalizada que agencia o país. Da mesma maneira, convidamos a artista Aline Albuquerque a intervir visualmente na editoração da Revista, fornecendo imagens para a capa principal e capas de artigos e demais contribuições textuais. De fato, torna-se cada vez mais difícil separar as discussões acerca da produção artística contemporânea de suas ressonâncias políticas e dos modos de apropriação da arte e da estética por projetos colonialistas de poder. A máquina neoliberal capitalista que agencia corpos e sistemas de valores na contemporaneidade funciona de acordo com um ritmo, e este é marcadamente neocolonial. É certo que desde a publicação de “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak, bem como das inúmeras críticas que este texto recebeu por concluir que o subalterno *não pode* de fato falar sem ser violentado (já que o campo discursivo não pode ser dominado por um sujeito consciente que mantém o controle sobre aquilo que diz), o paradigma textual como articulador de uma crítica pós-colonial sofreu um golpe irreversível. Seja o texto uma forma adequada ou não para projetos políticos de emancipação, não devemos

entretanto deixar de voltar atenção crítica para inúmeros outros registros de criação e materialização do discurso poético nas artes como potenciais operadores de desarticulação discursiva da matriz colonial de dominação e subjetivação. Atualizando esta discussão, trazemos duas contribuições especialmente traduzidas para o português do teórico da descolonização colombiano Pedro Pablo Gómez: o artigo “O Paradoxo do Fim do Colonialismo e a Permanência da Colonialidade”, em que a tarefa decolonial é situada em relação a um questionamento necessário da estética e da arte; e a entrevista “Estéticas Descoloniais”, em que essa questão é detalhada em termos históricos e geográficos e sobretudo na relação entre colonialidade e os aparatos institucionais da arte no ocidente. Outras duas traduções originais realizadas especialmente para a Vazantes vêm de Montréal no Canadá, mais especificamente do artista Alain-Martin Richard, cuja escrita ao mesmo tempo crítica e artística recolocam os termos da relação entre arte e experiência a partir de novas proposições, tais como o que ele chama de “*manoeuvre*”, uma modalidade de ação artística em co-construção com o espaço público. Ainda nesse número, relevantes artigos inéditos problematizam os termos que habitualmente utilizamos para relacionar arte e política. Glória Diógenes oferece uma leitura crítica da pixação urbana como um novo regime estético e político de relacionar imagem e cidade a partir do ruído e do desentendimento. Alexandre Rocha da Silva e Cássio de Borba Lucas, por outro lado, apresentam uma nova teorização da noção de “sampleamento” na música contemporânea, contribuindo assim para a pesquisa e o pensamento sobre a música como uma linguagem cuja capacidade de conjugar intertextualidades em um processo de produção é irreduzível à transmissão de conteúdos. Em outro artigo escrito a quatro mãos, Deisimer Gorczewski e João Miguel Lima aprofundam o conceito de micropolítica a partir da bela cartografia do “Conversações”, uma prática coletiva que conjuga arte e vida com as ruas e vizinhanças da cidade de Fortaleza e os espaços-tempos da universidade. Também tomando como objeto as ações sócio-estéticas na cidade, o artigo “Futuros Possíveis: Arte Pública, Experiência e Territórios em Processo”, de Lilian Amaral, lança nova luz na discussão sobre arte e esfera pública, pensando a força política do cotidiano em uma série de intervenções urbanas na cidade de São Paulo. Érico Araújo Lima, por sua vez, volta-se para o campo do cinema, mas de modo a ressaltar as dimensões políticas da estrutura narrativa cinematográfica quando esta contamina-se com o próprio tecido social, como nos casos dos filmes analisados de Adirley Queirós e Affonso Uchoa. Um ensaio inédito de Moacir dos Anjos sobre a artista colombiana Doris Salcedo, intitulado “Inventar a Política”, aborda modos possíveis da arte engajar-se sensivelmente com questões difíceis como a violência e o poder soberano, tão fundamentais para a experiência do público e do privado na América Latina. Um outro artigo inédito chega pela pesquisadora da dança Thaís Gonçalves. Focando-se no trabalho coreográfico de Juliana Moraes, a autora desenvolve o conceito operacional de “sensorialidades antropofágicas”, como um modo específico de criação permeado por princípios das cosmogonias indígenas e dos saberes do/no corpo. Outras contribuições na

seção Proposições Poéticas da Revista incluem uma carta-percurso de André Feitosa – onde vida, corpo e conhecimento emergem em radical co-implicação – e um texto curatorial de Adolfo Montejo Navas acompanhado de cinco imagens das recentes obras-bandeiras do artista paraibano Julio Leite. Como podemos observar, a arte produzida sob contextos sociais e simbólicos fundados sobre processos tão brutais de dominação como o colonialismo e o capitalismo financeiro contemporâneo podem adquirir muitas formas e intensidades. Este número da Revista Vazantes contribui enormemente para a discussão de outros repertórios de conhecimento e ação simbólico-material que dão suporte a coletividades e comunidades herdeiras do colonialismo (e suas formas injuriosas de poder, como o racismo e o classismo), ressaltando arte e política como forças indissociáveis que podem nos inspirar a encontrar uma melhor elaboração da relação complexa entre estética, colonialismo, capitalismo e emancipação.

Realização

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

MINISTÉRIO DA
CULTURA

